

Estruturações técnicas formais e modelos teóricos

---

A problemática da comunicação a partir de Verón deixou de ser um problema singelo para tornar-se crucial na práxis teórico-metodológica de importantes pensadores, pesquisadores e comunicadores críticos na América Latina. Tanto o modelo *ciespalino* de investigação funcionalista na América Latina quanto o modelo *frankfurtiano* foram seriamente questionados. O mérito de Verón não foi simplesmente trazer para a região os postulados e procedimentos da antropologia estrutural, da semiologia francesa e da psicologia da comunicação de Palo Alto. Sua característica fundamental, naqueles anos, era a utilização aprofundada e crítica desses e de outros modelos e a sua coragem para propor inovações. Numa perspectiva metodológica, é muito importante o diálogo estabelecido por Verón entre várias teorias. Não obstante os problemas e limitações, é fundamental a perspectiva integradora de vários modelos para construir um objeto, especialmente no caso da comunicação social que se configura nos limites de várias ciências.

Um problema metodológico importante, formulado por Verón em 1967, foi o deslocamento, na problemática ideológica, do estudo das abstrações teóricas para a pesquisa da vida cotidiana e de como essas estruturas ideológicas estão presentes no dia-a-dia dos telespectadores, dos leitores e dos radiouvintes. Nas ciências sociais, Verón formulava a necessidade de pesquisar e teorizar acerca dos meios de comunicação como produtores-chave de ideologias.

A ideologia como uma dimensão central da produção de sentido começava a configurar-se no pensamento de Verón de maneira sólida e estratégica. Analisando re572617 Tc 0.0742eca dos meisue sssas eropor

Verón refletia sobre as escolhas metodológicas dos grandes pensadores em ciências humanas:

“Obsérvese que tanto en el caso de Marx como en el de Freud, la importancia del análisis no reposa en el “descubrimiento” de un campo desconocido o de un objeto nuevo existente en la realidad. El punto de partida está dado por objetividades familiares, cosas que, por decirlo así, están muy próximas a la conciencia subjetiva de la vida cotidiana. En efecto, ¿qué más familiar que el trabajo, el dinero o los bienes materiales que consumimos diariamente? Son para usar la expresión de Marx, cosas ‘evidentes y triviales’ (Marx K., *El Capital*, México, Fondo de Cultura Económica, 1959, p.36). ¿Qué más inmediato y conocido, ¿qué más próximo a nosotros que nuestra conducta, nuestros actos fallidos, nuestros sueños? Se trata de fenómenos ‘vulgares’, que se manifiestan ‘incluso en los individuos más normales’.” (Freud, *Obras completas*, Madrid, Editorial Biblioteca Nueva, 1948, vol.II, p.96) <sup>3</sup>

A opção por questões evidentes e triviais não é uma escolha particular da comunicação. As ciências sociais têm que estudar o homem e sua realidade concreta; elas devem compreender os elementos básicos, que são parte do dia-a-dia social, procurando sistematizar os saberes sobre as formas culturais de vida, como orientação metódica inquestionável no pensamento metodológico sério. Aliás, as declarações sobre objetos nobres e objetos vulgares não passam de expressões ribombantes de intelectuais elitistas.

### **Modismos e superficialismos**

---

Verón está certo quando sublinha que Althusser, McLuhan e Baudrillard permitiram o desenvolvimento de modismos e superficialismos de pensamento; não obstante, esses modismos também encontraram espaço, esquemas e condições adequados na semiologia e na semiótica. No caso de ensaios sem pesquisa, automeados de teorias, o autor precisa de um especial domínio retórico-literário para produzir um efeito de sentido social de transcendência; geralmente esses bens simbólicos produzem estragos nos modos de aprender, de pensar e de discutir dos estudantes e pensadores, levando-os para doudas-ignorâncias.

As artes de fazer semiológicas e semióticas exigem um aprendizado, um referente técnico, conhecimento de esquemas descritivos, mas isso não significa que garantam uma produção aprofundada, criativa e inovadora. Acontece que a retórica, nesse caso, é formal, sustenta-se na força simbólica dos esquemas pseudomatemáticos, o que tornava os sistemas profundos de comunicação especialmente adequados para criar uma imagem de legitimidade científica e de conhecimento afinado. O contraste entre a realidade – com suas exigências de renovação metodológica paulatina – e os esquemas e exercícios hiperestruturados fizeram com que eles necessariamente entrassem em crise pelo seu formalismo, impossibilitados de compreender a pertinência da dinâmica de transformação metódica.

Se partirmos do reconhecimento das limitações próprias do conhecimento humano, devemos simultaneamente considerar que esse saber é enorme e ínfimo ao mesmo tempo. O mundo traz a cada dia novas informações, muda questões que pareciam definitivas, oferece novas problemáticas, fere profundamente os esquemas que se concebem como saberes absolutos, obriga a construir novos percursos de pesquisa e muda até o que parece mais sólido<sup>4</sup>. O fundamental é reconhecer que, numa perspectiva metodológica, o objeto determina os métodos e os instrumentos técnicos de que precisamos para compreendê-lo.

### **Pesquisa teórica, originalidade e autonomia**

---

Apesar do significativo crescimento da pesquisa em comunicação durante os anos 80 e 90, a pesquisa teórica nesse campo continua sendo muito restrita, trabalhada por poucos pesquisadores e com fortes problemas de circulação no meio acadêmico. Embora a disciplina da teoria da comunicação seja obrigatória na maioria dos cursos da América Latina, os textos teóricos de autores latino-americanos têm pouca circulação.

Por outra parte, o trabalho teórico apresenta grandes dificuldades pela fragmentação e ambigüidade das proposições críticas. A crise dos paradigmas não foi um processo que afetasse os burocratas do pensamento; eles normalmente mudam de esquema de acordo com as modas ou conveniências econômicas. O pragmatismo, a aplicação quase mecânica de técnicas, a racionalidade instrumental continuam tendo hegemonia e sendo o referente. Independentemente de o pesquisador ter mudado seu rótulo de “socialista” para “emergente global”, o modelo metodológico hegemônico sempre foi e continua sendo esse, seja na esquerda ou na corrente funcionalista. O positivismo de fundo inspirou e motiva o desenho de currículos, projetos, pesquisas e quadros teóricos. Os postulados, proposições e conceitos parecem estar pronto, postos em confortáveis pacotes acabados. É muito difícil inserir no pensamento de estudantes e pesquisadores a concepção de que o pensamento deve ser construído, aperfeiçoado, criticado, reformulado em cada pesquisa. É muito mais simples juntar questões elaboradas por autores de prestígio e da moda e redigir um quadro teórico agradável.

### **Construtor de métodos**

---

Verón tem como uma de suas facetas principais ter sido, também, um metodólogo; a importância que concedeu à pesquisa na sua atividade intelectual exigiu essa definição. Seus diagnósticos sobre a produção de conhecimentos não se limitaram a construir argumentos ou elaborar abstrações sobre temas determinados. Periodicamente preocupou-se com a construção de procedimentos, de modo que a crítica das técnicas e a reflexão dos métodos têm sido uma característica do autor. Essa preferência pela dimensão metodológica está presente, a meu ver, também na sua escolha pela pesquisa administrativa de assessoria de comunicação para grandes empresas automotivas francesas.<sup>5</sup> A formulação de modelos de pesquisa foi continuamente uma de suas principais preocupações; parte de sua transcendência no campo da comunicação no continente tem como alicerce esse aspecto. Foi um dos pioneiros da pesquisa semiológica dos meios de comunicação na América Latina. Independentemente de seus formalismos, essa prática intelectual foi muito importante para se começar a construir um campo de investigação crítico e sistemático na região.

Além de classificar os tipos de pesquisa, Verón situava o modelo teórico-metodológico geral ao qual pertenciam, isto é a “sociologia do desenvolvimento” norte-americana; também analisava autores que elaboraram uma crítica aprofundada desse paradigma<sup>6</sup>. A força dos métodos descritivos espalhados extensamente pelo funcionalismo paradoxalmente deixaram uma marca no autor. A partir de uma perspectiva diferente do modelo desenvolvimentista, mas reconhecendo no plano metódico a importância da descrição, Verón construirá suas pesquisas inserindo essa fase. Parte de seu desencanto com a lingüística e a semiologia estruturalista viria da incapacidade desses modelos para fabricar descrições afinadas do real.

### **Peirce, Frege e o método oblíquo**

---

O quadro teórico de referência da formulação do modelo metodológico nomeado análise de discursos sociais (versão Verón) é formado pela semiótica de Peirce e pelo modelo ternário de Frege. Vinculando esses dois discursos de produção com seu método analítico, observamos que o

procedimento comparativo-diferencial fundamenta-se na noção de rede discursiva como condição necessária para poder falar de um texto (Peirce), e na necessidade de contar com uma dimensão referencial na análise e na produção de sentido.

O *método diagonal* de Verón fundamenta-se na proposição peirciana de que um signo não pode nunca representar a totalidade de um objeto, posto que sempre o reproduz numa perspectiva determinada. A visão frontal do objeto em Verón equivaleria ao *objeto imediato* de Peirce; o *objeto dinâmico* só pode ser enunciado e caracterizado no raciocínio Peirce-Verón a partir da interdiscursividade, a construção do objeto só é possível considerando os vários discursos ou perspectivas que o concebem. O objeto pensado necessita da semiose para sua existência, ele expressa na sua configuração a interdiscursividade que o simboliza.

Na perspectiva dos efeitos de reconhecimento, ainda que não haja um efeito único, também não são eles completamente indeterminados, sendo possível relacionar os efeitos de sentido com as propriedades do discurso. O efeito nunca é arbitrário e depende das estratégias de enunciação; nesse sentido, a caracterização das operações de construção dos textos, das propriedades de seus elementos, oferece pistas para compreender o campo de efeitos de sentido.

No modelo veroniano dos discursos sociais, a classificação das dimensões dos textos em indiciais, icônicas e simbólicas,<sup>7</sup> seguindo a Peirce, permite-lhe organizar diversos tipos de características de apresentação dos signos. Verón apresenta uma distinção forte com relação à concepção de Peirce referente à ordem indicial, que na ótica de Verón é existencial, de contato, e na de Peirce é analógica, de similaridade. Por meio desse recurso Verón consegue descrever os comportamentos, os corpos e os gestos como signos. Seu velho problema sobre o significado da ação tem uma saída concreta nesse esquema; para Verón o indicial é existencial não-analógico, é da ordem do contato, da proximidade e do afastamento (tem a ver com sua antiga classificação de signos metonímicos). Esses elementos definem o “contato com o receptor”.<sup>8</sup> Por isso pensa em termos de dimensões e não de tipos; a ordem indicial historicamente é a mais arcaica, marca o ingresso dos sujeitos no universo simbólico. A dimensão indicial é condição histórica para a existência das outras dimensões, existe em todo tipo de discurso. Na escrita, Verón coloca a diagramação, os tipos de letra, os tamanhos, as cores etc. como elementos de contato com o receptor.<sup>9</sup>

Penso que a importância que Verón outorga a esta ordem esteja justificada pelo alto investimento que observamos no indicial nos programas de TV, nos jornais, nos noticiários etc. As matérias significantes estão formadas por composições complexas das ordens indicial, icônica e simbólica, que adquirem importância dependendo do contexto em que se situam.

No modelo metodológico de Verón, corpos, gestos, olhares, espaços, movimentos e cenários são inseridos na ordem do contato com o receptor. A força dessa ordem estaria na sua importância histórica, arcaica, que possui profundas marcas nos sujeitos, na sua estrutura cerebral, e que condiciona o resto das ordens materiais. O alto investimento feito pelas indústrias de comunicação no contato com os públicos se explicaria desse modo. A partir daí Verón argumenta sobre a supremacia da enunciação (do modo) em relação ao enunciado. Em outras palavras, as operações de construção de um discurso devem considerar a ordem do contato – o modo e as formas de expressar um mesmo enunciado – como básica para sua realização, uma vez que pode modificar profundamente seu significado.

O percurso metodológico de Verón nos seus discursos sociais levou-o a procedimentos menos formais na dimensão metódica mas simultaneamente exclusivistas na dimensão teórica (sobretudo Peirce). Sua cosmovisão reduziu-se a questões pragmáticas, a análises concretas e a problemáticas pontuais. Paradoxalmente, como sublinhamos em outras passagens, no plano

metódico suas análises são mais livres, não têm problema em construir conceitos operativos. Verón define os públicos como: *coletivos plurais* (cidadãos, operários, elementos fragmentários), *coletivos de identificação* (vínculos entre o enunciador e o destinatário), e *coletivos singulares* (não fragmentáveis: república, Estado, povo, tradição etc.).

Observando os programas políticos e suas estratégias, Verón define componentes operativos muito interessantes numa análise discursiva: a) componente distintivo (dimensão histórica, enunciador depositário do saber do passado, presente e futuro; intervenção numa linha temporal); b) componente didático (função referencial; relação do discurso político com o real; anuncia as verdades absolutas, gerais); c) componente da ordem do dever (de modo explícito supõe a exortação); d) componente programático (ideal imaginário; o poder fazer).<sup>10</sup>

Examinávamos nas pesquisas realizadas por Verón nos anos 60 e 70 uma forte dose de formalismo, expressa em esquemas semânticos e semiológicos de forte estruturação construtiva. Existia uma separação muito grande entre a dimensão teórica (que na época era pluridisciplinar, abrangente, macrossociológica e crítica) e a dimensão metodológica e técnica. Os métodos eram detalhistas, tecnicistas, especializados e não permitiam interpretações próprias a partir das suas descrições. Nesse aspecto, os modelos de Verón eram profundamente contraditórios com seus postulados cientificistas, porque a fase descritiva da pesquisa não oferecia nenhuma ponte argumentativa para vincular-se com a teoria. As interpretações sociológicas, muito importantes e abrangentes, partiam dos quadros teóricos que Verón paralelamente trabalhava, mas não possuíam uma continuidade lógica com a pesquisa.

Do lado teórico, Verón era um autor aberto, capaz de combinar vários paradigmas com flexibilidade, procurando relações, vínculos entre várias disciplinas e modelos de pensamento. Do lado metódico perfilava-se um estruturalista, semântico formal, que aprisionava as idéias em esquemas rígidos. A crise da semiologia, do marxismo, do estruturalismo e do funcionalismo, que explode em finais dos anos 60, leva Verón a um posicionamento teórico cada vez mais fechado, e sua defesa em face da crise dos seus referentes teóricos levou-o ao espaço seguro da semiótica de Peirce. Teoricamente fechou seu leque para Chomsky, Frege e Peirce. Os referentes antropológicos, psicológicos e sociológicos foram deixados de lado. Verón torna-se o semiótico que afirma o social ao interior do discurso, porém rejeita as explicações sociológicas gerais. A semiótica é, na sua lógica, a dimensão fundamental constitutiva do social. Por isso, conseqüentemente, sua escolha para estudá-la.

Na dimensão metodológica, suas análises da programação da mídia tornam-se mais interessantes, suas construções são mais livres dos esquemas, apesar de sempre ter um deles como referente. Penso que uma leitura crítica do método de Verón pode oferecer elementos importantes para a pesquisa em comunicação, inserindo orientamentos interessantes a partir de problemáticas e objetos com transcendência sociocultural, política abrangentes.

---

1 Eliseo Verón, no artigo "Ideologias y comunicación de masas: la semantización de la violencia política", p.145

2 Idem, ibidem, p.145: “Los criterios de definición de la homogeneidad son, en sentido estricto, convencionales, o si se prefiere puramente formales en sí mismos, pero su especificación no deja por ello de ser importante, porque dichos criterios afectan la significación de lo que podamos encontrar cuando analicemos el corpus. Nada impide que constituyamos un corpus totalmente arbitrario: podemos por ejemplo reunir un conjunto de novelas de muy distinta época, y seleccionar fragmentos al azar para formar un *corpus*. Las reglas del método podrán serle aplicadas: lo que probablemente ocurra es que los resultados que obtengamos carecerán de toda significación y nuestro análisis será un juego puramente formal. Desde el punto de vista del investigador, las reglas para la selección del *corpus* (y por consiguiente, los criterios para su homogeneidad) dependen pues de consideraciones sustantivas, y estas determinarán la significación de los resultados que se obtengan.”

3 Idem, no artigo “Introducción: Hacia una ciencia de la comunicación social”, p.10

4 Karl Marx: “(...) até as categorias mais abstratas, ainda que válidas - precisamente por causa de sua natureza abstrata - para todas as épocas, não são menos, sob a forma determinada desta mesma abstração, o produto de condições históricas e só se conservam plenamente válidas nestas condições e no quadro destas.” (in K. Marx, *Contribuição para a crítica da economia política*, São Paulo: Martins Fontes, 1977, p.233)

5 Eliseo Verón: “Trabajé por ejemplo en el análisis de las modalidades de percepción de las formas de automóviles. Se generaron modelos semiológicos de descripción de formas para Renault, para Peugeot, y el análisis semiológico de las formas aparece como una fase esencial de la descripción de los nuevos productos.” (in revista *Causas y Azares*, n° 3, 1995, p.17)

6 André Gunder Frank, “Sociology of Development and Underdevelopment of Sociology”, *Catalyst*, University of Buffalo, 5 (1967): 20-73; José Nun, “Los paradigmas de la ciencia política: un intento de conceptualización”, *Revista Latinoamericana de Sociología*, 2 (1966) 1: 67-97; Silvia Sigal, “Participación y sociedad nacional: el caso de las comunidades rurales latinoamericanas”, *Revista Latinoamericana de Sociología*, 3 (1967) 1: 4-40; Rodolfo Stavenhagen, “Siete tesis equivocadas sobre América Latina”, *Desarrollo Indoamericano*, 1 (1966) 4: 23-27; Pablo González Casanova, *Las categorías del desarrollo económico y la investigación en ciencias sociales*, México, UNAM, 1967. Essas referências estão em Eliseo Verón, *Ideologia, estrutura e comunicação*, p.217-218.

7 Idem, ibidem, p.88-89: “Vamos a pasar a la cuestión de las materias, relacionada con la distinción entre símbolo, ícono e índice. Todo signo comporta tres dimensiones, un orden simbólico, un orden icónico y un orden indicial. No quiere decir que un signo sea símbolo o ícono o índice, sino que las tres dimensiones están presentes en cualquier signo (...) Desde el punto de vista de Peirce es el orden de relaciones de significación que implican relaciones existenciales. En el caso de la dimensión simbólica, es el orden del arbitrario lingüístico, que para Peirce es el orden de la ley, de la necesidad. El orden icónico es el de la imagen que funciona por similitud en una relación de representación y el indicial es el orden existencial -para dar un ejemplo banal- porque el humo es índice del fuego. Hay una relación causal de términos. Pero lo que parece importante es que el orden indicial es esencialmente todo el universo significantes del comportamiento, el universo en tanto soporte de la discursividad. (...) Peirce habla mucho de ese orden indicial, pero por desgracia lo llama analógico, y de ese modo resulta muy confuso. (...) Todo el orden de los gestos, que los norteamericanos llaman “proxemia”, el orden de los códigos gestuales, pertenece a la esfera del índice, porque es el orden del contacto. Por eso el factor fundamental de este orden es lo que puede llamarse el cuerpo significativo, el orden de la corporidad. (...) la relación indicial no funciona sobre el principio de la similaridad (...) Hay una relación existencial. Pero todas las relaciones (por eso hablo de “contacto”, que es en cierto modo el régimen topológico de la significación) de proximidad y alejamiento pertenecen al orden indicial.

8 Idem, ibidem., p.90

9 Não em nível de dimensão, mas de função, Roman Jakobson definiu a *função factual* da linguagem que servia para manter o contato; o exemplo típico na fala são os cumprimentos.

10 Idem, ibidem, p.116

#### Referências bibliográficas

---

ASHBY, W. R. *Introducción a la cibernética*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1960.

- CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- A invenção do cotidiano: 2. Morar, Cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- FORD, Aníbal. *Navegações: comunicação, cultura e crise*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1999.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1995.
- Ideología, cultura y poder*. Buenos Aires: CBC-UBA, 1997.
- Cultura y comunicación: entre lo global y lo local*. La Plata: Universidad de la Plata, 1997.
- IANNI, Octavio. *O príncipe eletrônico*. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1998.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Procesos de comunicación y matrices de cultura: itinerario para salir de la razón dualista*. México: Gustavo Gili, 1988.
- Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.
- MATTELART Armand & Michèle. *Pensar sobre los medios: comunicación y crítica social*. Madrid: Fundesco, 1987.
- PIMENTA, Marcelo et. al. *Tendências na Comunicação*. Porto Alegre: L&PM, 1999.
- RADCLIFFE, Sarah; WESTWOOD, Sallie. *Rehaciendo la nación: lugar, identidad y política en América Latina*. Quito: Abya-Yala, 1999.
- RIBERA, Jorge B. *Comunicación, medios y cultura: líneas de investigación en la Argentina, 1986-1996*. La Plata: Universidad de la Plata, 1997.
- VERÓN, Eliseo. *Conducta, estructura y comunicación: escritos teóricos 1959-1973*. Buenos Aires: Amorrortu, 1996.
- La semiosis social: fragmentos de una teoría de la discursividad*. Barcelona: Gedisa, 1996.
- Lenguaje y comunicación social,*  
*Efectos de la agenda*. Barcelona: Gedisa, 1999.